

Reportagem Especial



LOJAS FECHADAS NO CENTRO DA CAPITAL: lojistas reclamam da lei de acessibilidade, que exige banheiros adaptados, e da disputa com ambulantes

CRISE NO COMÉRCIO

Recorde de lojas fechadas no centro de Vitória

São mais de 200 lojistas que fecharam as portas por causa da recessão econômica. Total de salas fechadas também bateu recorde

Dayane Freitas
Eliane Proscholdt

No lugar de vitrines, estão placas de “aluga-se” ou “passo este ponto”. Essa é a triste realidade do centro de Vitória, como descrevem comerciantes e consumidores, onde mais de 200 lojas fecharam suas portas por causa da crise econômica.

O retrato dos últimos 12 meses foi passado ontem pelo represen-

tante da União dos Lojistas do Centro Histórico de Vitória, Maurício Meireles Rocha Junior.

Ele salientou que com a lei 8.779/2014, que padroniza a publicidade no Centro, ou seja, estipula que cada loja poderá ter apenas uma placa com tamanho proporcional à frente do imóvel, a situação piorou.

Outras questões que os lojistas ponderam com a prefeitura são o cumprimento da lei federal de acessibilidade, que exige a construção de banheiros adaptados para pessoas com deficiência, e a disputa com os ambulantes, que não seriam fiscalizados tão de perto como os comerciantes são.

Ontem, a reportagem esteve no Centro e não teve dificuldades em encontrar comerciantes preocupados. Um dos exemplos é a comer-



NAN YONG CHO MAING: temor

ciante Nan Yong Cho Maing, que dos seus 65 anos de idade reservou 30 para se dedicar ao comércio.

O movimento fraco e o aluguel alto fez com que ela fechasse uma

de suas lojas na avenida Jerônimo Monteiro, em julho de 2015. Agora ela só mantém a Senara Modas aberta, na mesma avenida.

Na rua Desembargador O'Reilly pelo menos cinco lojas fecharam nos últimos seis meses, segundo comerciantes. Mesmo cenário na avenida República, entre outras.

Houve recorde também no fechamento de salas comerciais, segundo o presidente em exercício do Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Estado (Crecies), Luiz Augusto Mill.

Ele ressaltou que a crise agravou a situação que já estava ruim com o fim do incentivo do Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias (Fundap), em 2013, que culminou na saída de empresas da área portuária que alugavam salas próximas ao Porto de Vitória.

SAIBA MAIS

As lojas

TEMPOS ÁUREOS

> **PARA O REPRESENTANTE** da União dos Lojistas do Centro Histórico de Vitória, Maurício Meireles Rocha Junior, o comércio no Centro viveu seus tempos áureos há 10 anos, quando havia cerca de 1.500 lojas. Atualmente há menos de mil.

DISPUTA

> **NESSA ÉPOCA**, havia uma disputa por pontos, sendo que antes mesmo de uma loja fechar já tinha filas de interessados. Hoje, no lugar de filas, há placas de “aluga-se” ou “passo este ponto.”

CONSUMIDORES

> **VOLTANDO UMA DÉCADA**, por hora havia uma média de dois mil consumidores circulando nas calçadas nos dias úteis.

> **ATUALMENTE**, a média é de 500 consumidores por hora.

FECHAMENTO DE SALAS

> **A EXTINÇÃO** do Fundo para o Desenvolvimento das Atividades Portuárias (Fundap) contribuiu para o fechamento de salas comerciais no centro de Vitória, o que se agravou com a crise econômica.

O QUE AGRAVOU A SITUAÇÃO, SEGUNDO COMERCIANTES

> **REGRA PARA PUBLICIDADE:** a prefeitura aprovou uma lei em 2014 para padronizar as placas de publicidade das lojas do centro histórico. Quando o comerciante for renovar o Alvará de Publicidade Identificadora, terá de se adaptar ao padrão, que varia de acordo com o tamanho da loja.

> **A PREFEITURA** fez o levantamento de 600 imóveis que deverão se adequar. Dados de dezembro, da Secretaria de Desenvolvimento da Cidade (Sedec), mostram que 59 placas já foram retiradas desde que a lei entrou em vigor, sendo 41 na avenida Jerônimo Monteiro.

> **SEGUNDO** a Sedec, já foram 170 intimações. São imóveis que vão desde o colégio Estadual, no Forte São João, até o Cais do Hidroavião, em Santo Antônio.

> **CONSTRUÇÃO** de banheiro para deficiente e calçadas adaptadas: uma lei federal que determina a construção de banheiros adaptados para pessoas com deficiência e a padronização das calçadas, como exige a prefeitura, são outros pontos que os comerciantes dizem serem difíceis de cumprir.

> **FISCALIZAÇÃO** pela vigilância sanitária: os comerciantes alegam que ambulantes que lidam com alimentos, principalmente, não são tão fiscalizados quanto eles.

CASOS



LEONE IGLESIAS/AT

Novo endereço

Quem se prepara para mudar de endereço são as funcionárias da loja Morena Bronze, que fica na avenida Jerônimo Monteiro, no centro de Vitória. A vendedora Eloá Gomes Lima e a gerente Maria Luiza Azevedo Paes contaram que a loja será fechada até o próximo dia 10, mas que será reaberta na Glória, em Vila Velha.

Maria Luiza deu sugestões que poderiam reduzir a migração, como queda no valor do aluguel, criação de estacionamento, além da superação da crise financeira.



LEONE IGLESIAS/AT

Queixa por troca de placas

É com os braços cruzados que a comerciante Terezinha Mauri, de 65 anos, que também tem estabelecimentos para alugar, lamentou sobre o fechamento de lojas no Centro. Um dos pontos que foi fechado fica na avenida República. “A prefeitura está contribuindo para afundar o Centro com uma série de exigências, como a de trocar placas maiores por menores.”



LEONE IGLESIAS/AT

LOJA FECHADA: crise e exigências

Cidades

CRISE NO COMÉRCIO

Prefeitura está enterrando o Centro, dizem empresários

Com o agravamento da crise econômica, lojistas do centro de Vitória temem não conseguir cumprir a lei municipal sobre as placas de publicidade e a legislação federal sobre acessibilidade das pessoas com deficiência.

O representante da União dos Lojistas do Centro Histórico de Vitória, Maurício Meireles Rocha Junior, disse que os custos de adaptação às exigências são estimados em R\$ 30 mil. “Essas exigências da prefeitura acabam enterrando o centro. Temos várias lojas fechando e, nos próximos 10 dias, vocês vão ver mais fecharem”, afirmou.

Ele representa um grupo de 150 lojistas da região, que vai da Vila Rubim à curva do Saldanha, e está conversando com a Secretaria de Desenvolvimento da Cidade. Segundo Rocha Junior, a prefeitura se mostrou aberta a conversar.

Mas se os debates não surtirem o efeito desejado, alguns deles estudam fazer protestos na avenida Jerônimo Monteiro, uma das principais do Centro, e até entrar na Justiça. “Queremos um novo estudo sobre os tamanhos das placas e pedimos a suspensão dos atos punitivos por 24 meses até chegar-

mos a um denominador comum”, disse Rocha.

“Tenho certeza de que o prefeito vai ouvir muito a sua assessoria e postergar a exigência de se fazer as modificações. Não é o momento propício. Se a maioria dos comerciantes não consegue nem se manter, como vai investir em mudar suas placas por exigência de lei municipal?”, questionou o presidente da Federação do Comércio do Espírito Santo (Fecomércio-ES), José Lino Sepulcri.

Por outro lado, o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Vitória e do Sindicato dos Lojistas de Vitória (Sindilojas), Cláudio Sipolatti, ressaltou a importância da revitalização do centro da capital. “A prefeitura está compreendendo que se não se pode fazer tudo agora, podemos fazer pouco a pouco. Todos temos a ganhar com a revitalização”.

Com o plano de despoluição visual de Vitória, cada loja poderá ter somente uma placa de publicidade, com tamanho proporcional à frente do imóvel. A adequação tem de ser feita dentro do prazo de vencimento dos Alvarás de Publicidade Identificadora.

JOSÉ LINO SEPULCRI defende que prefeitura deve esperar momento econômico propício para fazer exigências



OPINIÃO

LEONARDO BICALHO - 23/02/2016



“A prefeitura está compreendendo que se não se pode fazer tudo agora, podemos fazer pouco a pouco. Todos temos a ganhar com a revitalização”

Cláudio Sipolatti, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Vitória e do Sindilojas

Falta de estacionamento e conforto

Mobilidade urbana, dificuldades de estacionamento e segurança, falta de conforto para o consumidor e um certo esgotamento para construções mais modernas fizeram com que os centros deixassem de ser referência para o comércio.

Esses foram alguns pontos destacados para justificar a migração do comércio dos centros para outros pontos das regiões metropolitanas, na avaliação do economista e coordenador geral da Faculdade Pio XII, Marcelo Loyola Fraga.

“Em Vitória, o fato se agrava, pois ruas apertadas, que dificultam o ir e vir das pessoas, e construções antigas (e algumas abandonadas)

que não permitem instalações mais modernas de aparelhos de segurança e ar-condicionado, por exemplo, além do crescimento da região metropolitana, o que permitiu a inserção das lojas de bairro.”

Para ele, existem mecanismos para evitar que o Centro morra, como transformar prédios abandonados, inclusive públicos, em residências após reformados.

Ele deu outros exemplos. “Incentivo tributário, retorno de algumas repartições públicas hoje em prédios alugados e construção de edifícios-garagens e de estacionamento em algumas áreas vazias.”

Já o mestre em Administração

Pública e professor da Ufes Hugo Júnior Brandião lembrou que a região central de Vitória perdeu força em termos de oferta de serviços comerciais e de outros tipos, por conta de um processo de urbanização acelerado a partir dos anos 1970, em função do crescimento desordenado da Grande Vitória.

“Serviços que antes só eram prestados por estabelecimentos comerciais localizados no Centro passaram a ser disponibilizados em outras regiões da capital, bem como nos municípios adjacentes, fato não necessariamente negativo, mas muitas vezes dimensionado erroneamente.”

Cenário é melhor em outros polos

A situação está um pouco mais confortável em Laranjeiras, na Serra, e em Campo Grande, Cariacica, segundo lojistas e consumidores.

O diretor das Câmaras de Dirigentes Lojistas (CDLs) de Cariacica e da Serra, Samuel Valle, disse que esses dois polos têm uma dinâmica um pouco diferente, com um “mix” mais completo.

“Então eles sofrem um pouco menos. Mas todo mundo, sem exceção, está com muitas dificuldades. A primeira delas é uma pauta velha, que é a carga tributária que temos que enfrentar. Temos ainda os custos trabalhistas e financeiros que são extremamente elevados, fora a burocracia que impede você de crescer. Tem, claro, a desorganização do Estado brasileiro e a perda de credibilidade, que reflete no fechamento de estabelecimentos”, afirmou.

O presidente da CDL Vila Velha, Helcio Rezende Dias, contou que muitas lojas estão fechando no Centro e na Glória.

Como consumidoras, as amigas Sheila Ribeiro, de 42 anos, que é comerciante, e Monica Ribeiro, 35, que atua como técnica de enfermagem, sentem saudades do centro de Vitória.

Elas, que moram no município de Cariacica, preferem comprar

em Campo Grande, por causa do comércio diversificado. “Lembro da minha infância, quando a gente vinha no centro de Vitória e resolvia tudo. Agora é difícil. Além de diversidade, falta estacionamentos”, disse Sheila, ao comprar em uma loja que irá fechar no Centro.

LEONE IGLESIAS/AT



SHEILA RIBEIRO e Monica Ribeiro reclamam da falta de estacionamento

Negociação está aberta

A secretária municipal de Desenvolvimento da Cidade, Lenise Loureiro, informou que a Prefeitura de Vitória está conversando com os comerciantes do Centro. Os empresários questionam que em um momento de agravamento da crise econômica têm de cumprir com uma série de exigências, que estaria, segundo eles, aumentando.

Um dos pontos de reclamação é quanto à legislação que entrou em vigor no ano passado e que trata da padronização das placas de publicidade no centro histórico.

Segundo Lenise, os lojistas que são intimados e têm dificuldade para se adaptar podem procurar a prefeitura para conversar.

“Temos feito reuniões periódicas com os lojistas e dado prazo aos que solicitam. Temos tratado com muita atenção as questões colocadas”, pontuou Lenise.

A secretária destacou que a lei visa a valorizar o centro da capital. “É uma oportunidade de valorização do Centro, outras cidades fizeram e tiveram resultados muito positivos”, justificou.

LEONE IGLESIAS - 13/09/2015



LENISE: conversa com empresários

Sobre os questionamentos dos comerciantes a respeito da lei de acessibilidade — que é federal — e do trabalho da vigilância sanitária, que não estaria cobrando dos ambulantes como cobra dos lojistas, Lenise disse que a prefeitura busca facilitar a vida do empresário, inclusive concedendo alvará mais rápido, mas que a lei não pode deixar de ser cumprida.